

## **“CONSTELAÇÕES”, SKY-ART INTERATIVO ONLINE:**

### **Espect-autores e *poiesis* biocibernética no ciberespaço, uma alegoria cósmica...**

NARDO GERMANO - ECA/USP

**RESUMO:** Este artigo apresenta o sky-art interativo online “Constelações” (1982-2003), uma proposta artística de Agnus Valente e Nardo Germano que metaforicamente abre o espaço cósmico para criar constelações a partir das relações ou redes de afetividades do público. O interator, exercendo as funções de espect-autor ou inter-autor e numa hibridação interformativa, entra em processos de co-criação e recriação (por recombinação e repertorização) ao instanciar a matriz constelativa da obra, cujo diagrama personalizado com seus dados é transmitido via rede para o projeto. Nessa jornada, integrando o Cosmos, os dados e as coordenadas retornam configurados como animação digital disponível em ambiente on-line e visualizada no espaço físico expositivo em luz-atraves, projeções de luz refletida, laser ou realidade aumentada, numa sequência de entre-imagens de constelações que instauram uma alegoria do que denomino “*poiesis* biocibernética” entre Homem e Universo. A reflexão parte do pressuposto de que, em contraponto à noção de interatividade como contingência sistêmica ou maquinica, as operações mediadas pelo sistema são da ordem do humano e das formatividades, tanto na produção quanto na recepção, e constituem uma estratégia programática de apropriação do sistêmico pelo artista para surtir um efeito que, para além da interatividade ou da hibridação por si mesmas, permita alcançar, com o agenciamento autoral do espectador e as hibridações promovidas, um nível de envolvimento com a unidade poético-política da obra, conferindo-lhe existência, sentido e coerência interna, sob essa condição interativa *sine qua non*. Assim, em “Constelações”, o humano prepondera enquanto Poética no exercício de uma formatividade na sua relação com o biosistema através dos recursos tecnológicos em que autorar e hibridar-se no ciberespaço assumem uma gama de sentidos e compromissos em diversas camadas interpretativas, desde as experiências afetivas (inter)pessoais até as dimensões cosmoecológicas e biopolíticas contextualizadas pelo projeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Espect-Autor. Espect-Autoria enquanto Cocriação. Espect-Autoria enquanto Recriação. Hibridação Interformativa. Poiesis Biocibernética.*

**ABSTRACT:** This paper presents the online interactive sky-art “Constellations” (1982-2003), an artistic proposal by Agnus Valente and Nardo Germano, which metaphorically opens the cosmic space to create constellations from the relationships and affections networks of the web surfer. The interactor, practicing the functions of spect-author or inter-author and in an interformative hybridation, experiences a co-creation and re-creation process (by recombination and repertoriation) while instantiating the constellative matrix of the artwork, whose diagram customized and filled with personal data is transmitted via the network to the project. That trek integrating the Cosmos, data and coordinates return configured as a digital animation available in the online environment and displayed in the exhibition space in light-through monitors, reflected light projections, laser or augmented reality, as a sequence of the inbetweening images of constellations which establish an allegory of what I denominate “*biocybernetic poiesis*” between the Human and the Universe. The research assumes that, in a counterpoint to the notion of interactivity as a systemic or machinic contingency, the operations mediated by the system would be in the order of the human beings and formativities, in both production and reception, and constitute a programmatic strategy of systemic appropriation by the artists in order to have an effect that, beyond the interactivity and hybridation themselves, allows to achieve, with the authorial agency of the spectator and the promoted hybridations, a level of involvement on the poetic-political unity of the artwork, giving it existence, meaning and internal coherence under this interactive condition *sine qua non*. In this sense, in “Constellations”, the human beings predominate as Poetics exercising their formativities in their relationship with the bio system through technological resources in a way that the fact of authoring and hybriding themselves in cyberspace assumes a range of meanings and commitments in several layers of interpretation, from the (inter)personal affective experiences to the cosmos-ecological and bio-political dimensions contextualized by the project.

**KEYWORDS:** *Spect-Author. Spect-Authorship as Cocreation. Spect-Authorship as Recreation. Interformative Hybridation. Biocybernetic Poiesis.*

## Introdução

Este artigo discute aspectos de poética do *sky-art* interativo “Constelações”, obra que integra a exposição coletiva de arte computacional EmMeio #5.0, em cartaz durante todo o mês de outubro de 2013 no Museu Nacional da República, Brasília–DF, na programação do 12º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#12.ART): Prospectiva Poética.

O *sky-art* interativo, acessado a partir de [link](#) ao site oficial e com projeção direcionada ao teto do espaço expositivo, sugere uma paisagem cósmica virtual de constelações, resultante da construção colaborativa *online* com seus espect-autores iniciada em janeiro de 2003. Desde sua inauguração em 19 de outubro daquele ano, a obra permanece aberta à interação e ao envio de constelações pelos internautas; sua atualização, pelo princípio de *work in progress*, exhibe o espaço cósmico em fluxo, em constante expansão.

A reflexão proposta neste artigo é decorrente de minha tese de doutorado que propõe uma taxonomia para a espect-autoria nas artes participativas e interativas, desenvolvida desde 2008 e defendida em 2012 na ECA/USP, e apoia-se também em artigos científicos que venho divulgando desde 2009 em diversas publicações, tais como os anais dos Encontros Internacionais de Arte e Tecnologia (UnB), da ANPAP, da ABCiber e da Arte\_Pesquisa: Inter-Relações (USP, UNESP, UNICAMP), com enfoque na poética da minha série “Autorretrato Coletivo” (1987-2012). Atualmente, tomando como objeto de estudo outros projetos que promovam um “agenciamento autoral” (GERMANO, 2010a) dos espectadores, a exemplo do *sky-art* interativo “Constelações”, o foco teórico é investigar a abrangência dos conceitos e da taxonomia da espect-autoria mediante sua aplicação em novo *corpus* poético, de modo a problematizar, refinar e ampliar a questão, respaldado pelo interesse artístico de verificar o alcance e a contribuição desses procedimentos de “autorabilidade” (GERMANO, 2012) à unidade intrínseca da obra, enquanto condição *sine qua non* para uma coerente efetividade de sua proposição criativa.

### 1. Histórico do *sky-art* interativo *online* “Constelações”

*Desde a infância, o senso comum nos diz:  
– Quando morremos, viramos estrelas...*

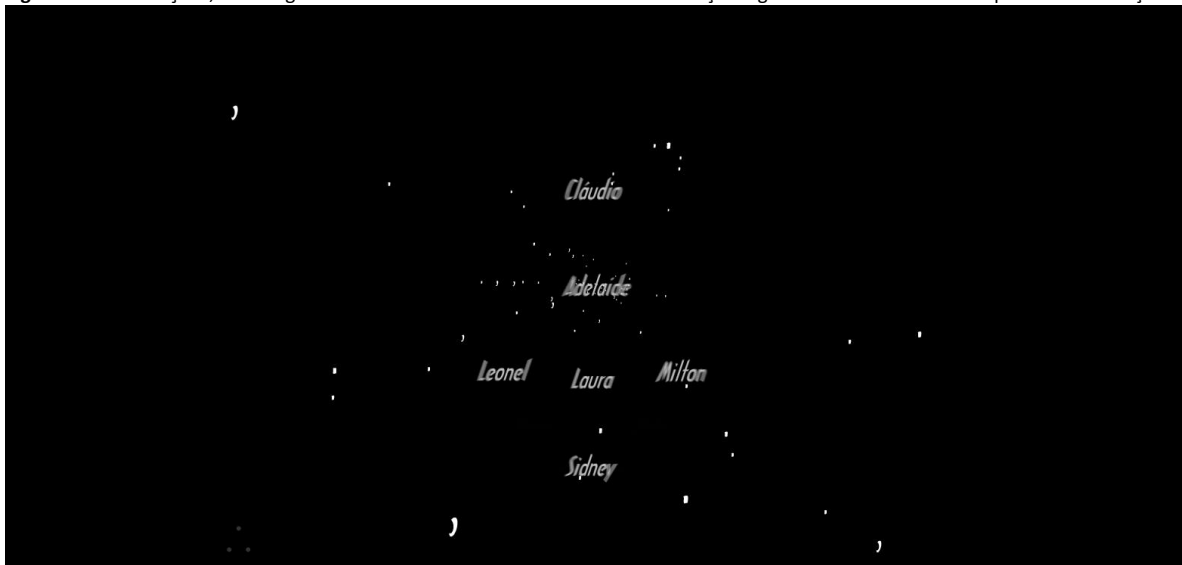
“Constelações” teve início em 1982, com duas experiências participativas e relacionais, propostas por mim e Agnus Valente nos termos de um *sky-art* a ser construído colaborativamente, num empreendimento artístico informal. As pessoas eram convidadas a escrever seus nomes e de seus afetos pessoais em papéis autoadesivos recortados em formato de estrelas de cinco pontas e dispô-las sobre uma tela de lona na cor azul-escuro. Em 27 de novembro 1984, o projeto foi rearticulado na FE/USP<sup>1</sup> tendo como ambiente participativo o *hall* do anfiteatro, cujas paredes, pintadas de azul especialmente para o evento, constituíram o campo celeste onde foram adesivadas as estrelas dos participantes. Nas três circunstâncias, as ações ocorreram no limiar da Arte com a Vida e a construção do signo estético efetivou-se coletivamente, numa configuração visual de constelações em céu noturno e sensibilização cosmoecológica.

<sup>1</sup> Atividade de criação coletiva proposta por Agnus aos participantes da Oficina de Teatro da área de Comunicação e Expressão - Escola de Aplicação-FE/USP (coordenação: José Joaquim Marques e Hercília T. de Miranda), em estágio supervisionado por Ana Mae Barbosa.

Em 2002, retomamos o *sky-art* para ser inserido em “ÚTERO portanto COSMOS”, um projeto de arte e tecnologia que propunha o ambiente digital como uma metáfora cósmica que comportava conceitualmente aquele princípio constelativo. Na passagem para o tecnológico, efetiva-se uma “transcrição” (PLAZA, 1987) de “Constelações”: desdobrando-se como um *sky-art* interativo, coerente com sua origem participativa da década de 80, a obra configura-se como um e-poema constelativo em animação digital. O campo celeste de lona e parede das versões anteriores transmuta-se para o monitor do computador em luz-atraves, numa relação de figura/fundo em branco e preto; as estrelas de cinco pontas e sua distribuição no espaço mudam de aparência e material – os próprios nomes metonimicamente representam as estrelas em sua imaterialidade de figuras-luz.

A partir de 19 janeiro de 2003, durante a fase “Gestação *online*” de “ÚTERO portanto COSMOS”, a proposta interativa convida o visitante a compor sua constelação para integrar o e-poema “Constelações” em sua inauguração no dia 19 de outubro daquele mesmo ano. Durante nove meses, o público internauta assumiu a função de autorar suas constelações compondo diagramas com prenomes e apelidos de seu círculo de relações afetivas com o preenchimento de um campo de formulário e envio desses dados pessoais para o projeto via rede, formando o *corpus* inaugural para a obra *online*.

Figura 1 – *Constelações*, 2003. Agnus Valente e Nardo Germano. *Web Art*. Animação digital: cenário cósmico incorpora as constelações.



Fonte: arquivo dos artistas.

Na inauguração, exibe-se uma animação digital com todas as constelações recebidas dos internautas reunidas num cenário cósmico (Figura 1). A partir de então, cada contribuição enviada ao projeto integra-se ao *corpus* do e-poema como primeira constelação da animação, cedendo gradativamente a primazia na ordem de exibição com a chegada de novas constelações, num jogo de simultaneidades e alternâncias de tempo e espaço.

Nas versões participativas da década de 80, a condição material reduzia gradualmente o leque de escolhas aos participantes, que distribuíam suas constelações em função dos espaços livres restantes no campo compositivo da obra, até que num dado momento, com o acúmulo de estrelas adesivadas, era necessário encerrar a proposição. Na nova condição

Figura 2 – *Constelações*, 2003. Agnus Valente e Nardo Germano. Web Art. Entre-imagens de constelações e proposição contínua.



Fonte: arquivo dos artistas.

da versão interativa, as opções do interator não se reduzem e a proposição é contínua. Por sua imaterialidade, as constelações ocupam o mesmo espaço no cosmos, justapondo-se e alternando-se *ad infinitum* na linha do tempo, mesclando-se sequencialmente em efeitos cinematográficos de *fade-ins* e *fade-outs* (Figura 2), criando desse modo uma condição de “entre-imagens” (BELLOUR, 1990) inédita na origem do projeto.

## 2. Ciberespaço constelativo e alegoria biocibernética.

Embora não seja exatamente “real”,  
“ciberespaço” é um lugar genuíno.  
Coisas acontecem lá que têm consequências muito genuínas.  
**Sterling**

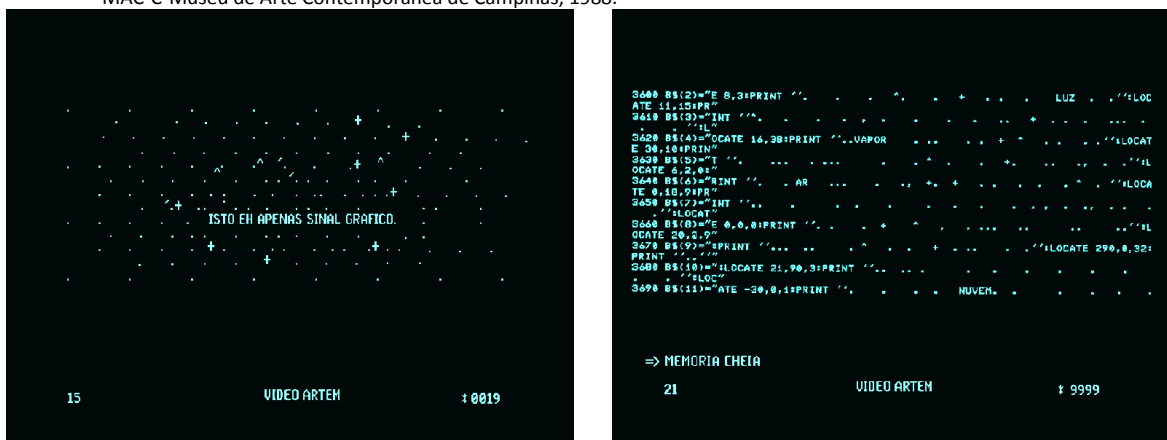
No meio digital, o *sky-art* interativo “Constelações” adentra o vasto campo conceitual do ciberespaço, esse não-espaço ou espaço “entre” – entre aparelhos e não neles próprios (STERLING, 1992) –, na transdução de dados entre provedor e usuários, nas experiências de telepresença e ubiquidade desse, como nomeia Lévy (2002, p.22), ecossistema de ideias, “no qual, quando uma representação se encontra em algum lugar do ciberespaço, ela está ao mesmo tempo em todo o lugar da rede”... Constelações no ciberespaço:

- O cyberspaço. Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações [...] Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. (GIBSON, 2003, p. 67-68).

Essa passagem de Gibson em *Neuromancer* me remete também ao *sky-art* “*Video Artem*” (1983/1988) de Agnus Valente, desenvolvido naquele mesmo período de “Constelações” com o intuito de, nas palavras de Julio Plaza (1988), “reciclar o mito da criação, desta vez com a tecnologia e suportes disponíveis no ambiente” e do qual lanço mão para introduzir uma questão de linguagem comum aos dois trabalhos. Ao exibir na tela do computador a

afirmação “ISTO EH APENAS SINAL GRAFICO” (Figura 3, t15), “*Video Artem*” explicita a condição de representação gráfica do suporte, desvendando num lance de metalinguagem a operação e o repertório do *constructo* imagético da abóbada celeste e do universo cósmico da obra. Uma troca de tela cronometra em contagem regressiva a exibição do próprio código-fonte de programação, que se abre sem segredos aos olhos do receptor, revelando coordenadas da disposição dos sinais gráficos no campo visual do monitor e comandos de execução relacionados à interação do usuário. Um alerta de “memória cheia” simula um travamento do sistema que, supostamente, aborta a exibição, dessacralizando o tecnológico. Nesse momento de suspensão, o código-fonte configura uma nova paisagem celeste na tela do monitor (Figura 3, t21) e torna-se esteticamente parte da obra.

**Figura 3** – *Video Artem*, 1983-1988 - Agnus Valente. Arte por computador. t15-ISTO EH APENAS SINAL GRÁFICO e t21- Código-fonte como obra. MAC-C-Museu de Arte Contemporânea de Campinas, 1988.



Fontes: catálogo da exposição (M.Valente). MAC-C, 1988; VALENTE, Agnus. *Parabola-Imago*. 2002.

Em “Constelações” são também sinais gráficos de pontuação, como vírgula, ponto, dois pontos, os elementos cenográficos que compõem a visualidade do espaço cósmico da animação digital, o cibercosmos da obra. A constelação do internauta não é mais um conjunto de estrelas, mas de nomes próprios, letras do alfabeto em composições estelares para cada pessoa de suas relações afetivas (Figura 4). Uma constelação de sinais gráficos.

**Figura 4** – *Constelações*, 2003. Agnus Valente e Nardo Germano. *WebArt* (detalhe) Sinais gráficos: pontuação e alfabeto no cibercosmos.



Fonte: arquivo dos artistas.

Nessa perspectiva, cabe refletir que a tradução intersemiótica de “Constelações” para o digital incorpora a consciência de que o computador está sendo empregado “não apenas como uma ferramenta ou um meio, mas como um provedor de informação abstrata e um gerador de realidades virtuais no espaço cibernético” (POPPER, 1993, p.121, tradução nossa) e que essa condição de linguagem é uma informação visualmente dada inclusive ao espectador, remodelando sua relação com a obra entre o sensível e o inteligível de modo que toda sua performance e decisão como interator se desenvolva à luz dessa informação.

No espaço cibernético, constrói-se uma nova alegoria de “Constelações”. As relações entre homem, biosistema e tecnologia propostas no *sky-art* interativo constroem a inserção do homem no espaço cósmico com a mediação da tecnologia como uma alegoria biocibernética baseada no deslocamento dos seus modelos explicativos. A Cibernética

influenciou de forma determinante a cultura moderna com resíduos de seus modelos explicativos, engendrando, junto com outros resíduos que são incessantemente produzidos pela tecnologia e ciência, o que poderíamos chamar hoje de “cibercultura”. Tais resíduos são certas noções e valores oriundos do discurso técnico e científico que, deslocados para o plano do senso comum, introduzem novas distinções nos antigos esquemas interpretativos para que eles possam fazer frente às propriedades de um mundo no qual as fronteiras entre os domínios do orgânico, do tecno-econômico e do textual tornaram-se permeáveis. (KIM, 2004, p. 205).

De modo geral, esse fenômeno de deslocamento do modelo explicativo, de noções e valores dos discursos técnico-científicos da cibernética (e por extensão da biocibernética) pode ser também observado no âmbito da arte e da criação artística, numa interdisciplinaridade que articula distintos tratamentos e adaptações com maior ou menor fidelidade àqueles discursos, de acordo com a linha adotada no programa poético de cada artista. Considerando por esse prisma, os procedimentos em “Constelações” não relacionam corpo, biosistema e tecnologia de forma física e direta; o corpo é abstraído numa relação de sensibilidade e pensamento com o biosistema, do qual o Homem faz parte, construindo-se um pensamento biocibernético, que projeta o corpo no ciberespaço, sintonizando-o com o biosistema, enquanto linguagem. Desse modo, pode-se mesmo considerar que, no caso do *sky-art* interativo “Constelações”, não se trata de obra rigorosamente biocibernética em seus aparatos tecnológicos, mas sobretudo de obra que articula no contexto arte e tecnologia os elementos biocibernéticos deslocados enquanto sugestão e projeção poética. Por essa abordagem, “Constelações” inscreve-se como alegoria biocibernética na construção de seu *corpus* pelos espectadores, numa estratégia de abertura poética em que as operações mediadas pelo sistema configuram-se na ordem do humano e das formatividades sobre o maquínico e sua codificação, como fluxos anímicos na mentalização de uma rede de afetividades em constelações integradas ao cosmos, que são representações explícitas em seu código gráfico.

Nesse sentido, em “Constelações”, a proposta de relação a se estabelecer com o Cosmos não é de ordem figurativa, mas simbólica, e nem somente contemplativa – é também participativa em sua origem, interativa em sua tradução para o digital, promovendo, em ambos os casos, fenômenos de autoria e hibridação como potencializadoras forças de integração da pessoa a uma utopia biocibernética.

### 3. “Constelações” - Espect-Autoria e Hibridação Interformativa: *Poiesis* no ciberespaço.

O que é preciso entender não é o aparato técnico, mas a lógica imanente à criação e, principalmente, é preciso que se compreenda a estrutura axiológico-semântica na qual transcorre e se aprecia, valorativamente, a criação; é preciso compreender o contexto no qual se dota de sentido um ato criativo.

Bakhtin

Compreendo o *sky-art* interativo “Constelações” como uma “obra autorável” (GERMANO, 2012) que, para existir enquanto obra, promove um agenciamento autoral dos espectadores em várias modalidades taxonômicas de espect-autoria (GERMANO, 2010a-b; 2011; 2012) e numa modalidade de hibridação de poéticas, a “hibridação interformativa” (VALENTE, 2008). A questão que se coloca é: Como se processa em “Constelações” o fenômeno de espect-autoria e de hibridação interformativa para o cumprimento efetivo de sua proposta artística, intencionalidades, interpretabilidade e coerência interna em sua condição de obra interativa?

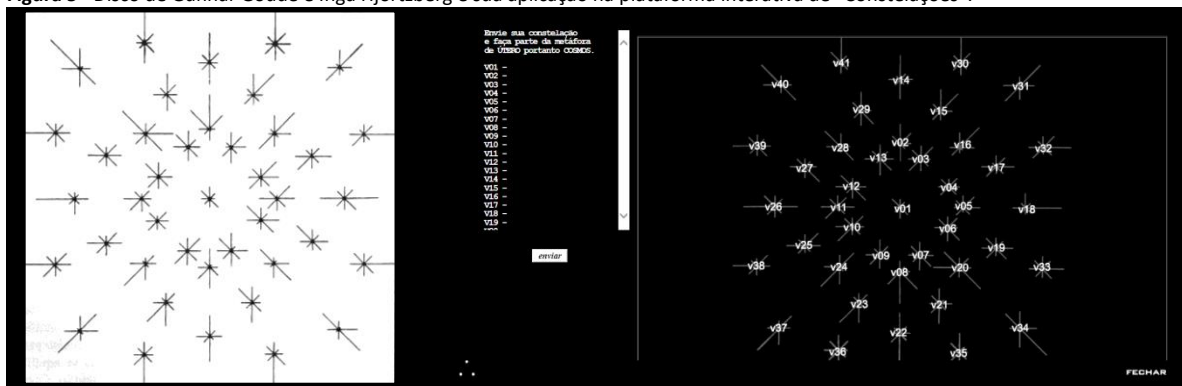
A noção de espect-autoria advém do conceito de “*spect-auteur*” apresentado na pesquisa de Mohamed Aziz Gellouz (2007), que adotei como referência para investigar a autoria do espectador nas artes participativas e interativas (GERMANO, 2010a-b; 2011; 2012). Em sua pesquisa, Gellouz emprega a notação semiótica “espect-ator” ao tratar do *Théâtre Citoyen*, uma modalidade teatral participativa que caracteriza os procedimentos poéticos do grupo *Théâtre des Petites Lanternes*. O termo constitui uma continuidade conceitual da notação semiótica “espect-ator”, formulada por Augusto Boal em suas postulações sobre o Teatro do Oprimido no contexto brasileiro do Teatro de Intervenção Social nos anos 60, cuja linha diretriz é seguida pelo referido grupo canadense. Enquanto o conceito de “espect-ator” concentra-se na noção de ação, como ensaio revolucionário para uma ação social transformadora em que o espectador atua como ator e exerce ações de escritura durante a própria encenação da peça (BOAL, 2008); o conceito “espect-ator” de Gellouz prioriza igualmente uma transformação social, neste caso através da autoria do cidadão, o espectador convocado para a criação do próprio espetáculo ao qual irá assistir, de modo a trazer a voz e a visão de mundo dos moradores para o palco, propiciando um processo de pertencimento dos indivíduos à sua comunidade (GELLOUZ, 2007). De modo geral, “enquanto o projeto de Boal confere ênfase à recepção, o projeto do Teatro Cidadão enfatiza a produção” (GERMANO, 2010a, p.357), constituindo-se produção e recepção como momentos frutíferos para promover o agenciamento autoral do espectador.

O “espect-ator” de Boal tem ressonâncias também no estudo sobre a recepção interativa desenvolvido por Jean-Louis Weissberg (1999), que adotou o termo, sem a conotação de atuação teatral e sociológica original, para indicar especificamente no gesto do interator a essência do novo estatuto do espectador no contexto tecnológico. Por minha vez, adotei o conceito de espect-autor de Gellouz para pensá-lo no digital, tendo como princípio “substituir o binômio produção/recepção pelo trinômio produção/recepção/produção, condição *sine qua non* para compreender os processos criativos que se desenvolvem a partir de poéticas de aberturas autorais que inserem na recepção procedimentos de produção” (GERMANO, 2010a, p.358). No meu entendimento, com o redimensionamento do autor no ambiente tecnológico, o interator assume a “função-autor”, formulada por

Foucault (1969), e passa por uma conversão de *aisthesis* para *poiesis* (JAUSS, 1978), à qual a notação de Gellouz atende em toda sua plenitude conceitual, uma vez que "a notação semiótica *spect-auteur* sintetiza recepção e produção" (GERMANO, 2009, p.362). Assim, configuro o novo estatuto do espectador apondo ao espect-ator de Weissberg a qualidade autoral de um internauta espect-autor, ou inter-autor, preenchendo a lacuna do quadro taxonômico no contexto da arte interativa (GERMANO, 2010a-b; 2011; 2012).

No contexto do *sky-art* interativo "Constelações", para exercer o que conceitualmente corresponderia então a uma "função-espect-autor" (GERMANO, 2012), é disponibilizada ao público uma plataforma interativa *on-line* na qual poderá elaborar e dispor graficamente os seus afetos constelativos mediante um diagrama-modelo baseado no disco de Gunnar Goude e Inga Hjortzberg (Figura 5), a partir do qual compõe seu cosmograma. O disco representa o resultado de um experimento de dinâmica visual em relação às principais direções do espaço em que "os oito vetores em cada localização resumem as tendências de movimento observadas pelas pessoas" (ARNHEIM, 1980, p.7-8) na apreciação de uma imagem num campo quadrado, a partir do qual a animação digital de "Constelações" organiza a sugestão de sua esfericidade em reflexo ao planeta Terra.

Figura 5 - Disco de Gunnar Goude e Inga Hjortzberg e sua aplicação na plataforma interativa de "Constelações".



Fontes: à esquerda, ARNHEIM, Rudolf. *Arte & Percepção Visual*, 1980; à direita, arquivo dos artistas.

Na configuração de sua plataforma interativa, "Constelações" coloca em curso os princípios de uma "Poética da Autoração" (GERMANO, 2009) em que o artista-propositor "transfere intencionalmente para a recepção, mediada por uma interface artística, a mesma estrutura e lógica permutatória dos *softwares* de autoração como base para o processo de criação do espectador na recepção", assumindo desse modo "a lógica do sistema de autoração como programa artístico aberto à autoria do espectador enquanto Poética e não apenas como elemento funcional, subsidiário de sua criação hipertextual ou midiática" própria (GERMANO, 2012). A plataforma interativa do *sky-art* constitui-se num "ambiente de autoração" (SEAMAN, 2000, p.40) voltado para o interator: este encontra os diagramas com potencial combinatório de 41 posições e, "a partir desses diagramas constelativos, distribui os nomes nos vetores em composições visuais estelares, num investimento poético de forma e conteúdo" (VALENTE, 2008, p.224), num procedimento que, nos termos de Lev Manovich, corresponde a uma "autoria como seleção", na qual "a energia criativa do autor comparece na seleção e sequência de elementos" preexistentes (2001, p.130, tradução nossa). Observa-se assim um amplo leque de autorabilidade aberto para distribuição visual significativa dos antropônimos, entre nomes próprios e apelidos



das relações afetivas dos espectadores, a se organizarem nas combinações de posições possíveis à escolha para autoração no campo espacial da obra.

Durante a etapa “Gestação *On-Line*” de “ÚTERO portanto COSMOS”, a proposição ficou disponível no *site* do projeto sem a animação digital, que dependia do envio das constelações inaugurais dos espect-autores. Instaurou-se um processo de “espect-autoria enquanto co-criação” (GERMANO, 2012), modalidade em que o agenciamento autoral ocorre no âmbito da produção, ficando os espect-autores responsáveis pela elaboração de parte da obra a ser ainda criada. Remetendo ao trinômio produção/recepção/produção, não há nesse caso a recepção da obra interativa, mas sim a recepção prévia da proposição e do diagrama a ser preenchido e enviado ao projeto. Enquanto eu e Agnus montávamos a estrutura e a cenografia da animação para incorporar as constelações, os internautas concomitantemente construíam-nas com seu repertório próprio, organizando criativamente a combinação desses elementos entre si e no espaço.

À inauguração *online* da animação digital, outros procedimentos somam-se ao processo de espect-autoria em “Constelações”. Agora o espectador, inserido na lógica do trinômio produção-recepção-produção, passa previamente pela experiência contemplativa da obra na recepção para então acessar a plataforma interativa onde se dará uma nova fase de produção, ou mais objetivamente sua conversão de *aisthesis* para *poiesis*, convertendo-se em espect-autor. Inicia-se a partir de então sobre o *sky-art* interativo, enquanto “obra inacabada” (ECO, 1988), um processo autoral que denomino de “espect-autoria enquanto recriação” (GERMANO, 2012) que se efetiva em procedimentos de recombinação e/ou repertorização. Na recriação por recombinação (GERMANO, 2012, p.86-87), consideram-se possibilidades combinatórias vislumbradas nas composições constelativas dos espect-autores na recepção da animação digital que possam sugerir elaborações por semelhança ou diferença na mente e na criação do interator em espect-autoria. Além disso, o repertório pessoal de cada interator soma-se ao *corpus* da obra interativa, denotando uma recriação por repertorização (GERMANO, 2012, p. 87-91) em que o diferencial é a soma de outros repertórios além do repertório inicial do artista-propositor e demais espect-autores, que pode ser aferido em estruturas verbais ou não verbais, como nomes e apelidos diversos ou variação das configurações constelativas em suas composições geométricas – além de casos de “recriação conceitual” (EUGENIO, 2012), de espect-autor que enviou seguidas constelações criando uma animação de dois nomes que giram em torno de um nome no centro, ou de espect-autor que não insere nomes próprios, como proposto, mas outros vocábulos, alterando o paradigma semântico da obra.

De modo geral, nessas modalidades de espect-autoria em curso em “Constelações”, enquanto nós, autores-propositores, somos responsáveis pela concepção e configuração inicial da visualidade e temporalidade do *sky-art*; os espect-autores, por sua vez, são responsáveis pela variabilidade e diversidade do conteúdo repertorial e da configuração visual das constelações, ora sintética, ora com profusão de elementos, e por conseguinte do ritmo que essa variabilidade vai imprimindo, à revelia do ou em sintonia ao regime temporal previamente estabelecido na animação. Com essas variações no processo de criação, os internautas tornam-se espect-autores em “Constelações”, promovendo uma sensível inversão de nossas funções e de nosso estatuto em relação à obra e sua recepção:

Mobilizando sua experiência de vida e seu imaginário, o interator nos transforma, de propositores em espectadores de suas constelações. Contemplando-as, cogitamos, intuímos, nas disposições dos nomes, histórias de vida, possíveis hierarquias, graus de afetividade, memórias de entes ausentes/onipresentes – sugeridas não somente pelos significados das palavras, nomes e apelidos, e sim pela expressão sensível através de uma linguagem visual gráfica. (VALENTE, 2008, p.224).

Cada spect-autor é autor de sua constelação afetiva dentro do *corpus* da animação digital, mas é importante ter a sensibilidade de observar também que o trabalho criativo do spect-autor implica para o resultado em conjunto, para o qual sua criação é relevante em termos de quantidade e qualidade, em função do efeito visual e emocional que cada constelação traz como contribuição para o todo, não somente pelo impacto particular que uma ou outra constelação possa exercer sobre este ou aquele observador, mas, sobretudo, pelo efeito cumulativo advindo da diversidade de realidades ali representadas verbo-visualmente, cuja polifonia permite alcançar uma “complexidade do modelo artístico do mundo” (BAKHTIN, 1970, p.347). Assim, autor de sua própria constelação, o spect-autor é também coautor do fenômeno estético alcançado pela obra constituída. Eu e Agnus, enquanto autores-propositores, somos autores da proposição, da obra em potencial, sua estrutura, e coautores também, do que é, enfim, o *corpus* configurado. Em conjunto, as constelações dos interatores cumprem o propósito anunciado no título do projeto: como estrelas, os spect-autores tornam-se o *corpus* do *sky-art* “Constelações”.

Nesse sentido, “o *e-poema* promove uma hibridação de poéticas ao incluir a formatividade de cada interator no cosmograma”, validando um “pensamento poético e político na medida em que a obra estimula o público a uma apreciação estética imbuída de um empenho de *poiesis*” (VALENTE, 2008, p.224) que resulta em processos mútuos de hibridação interformativa de autores-propositores com spect-autores e destes entre si.

Agnus Valente situa o fenômeno de *hibridação de Poéticas* no âmbito dos movimentos artísticos históricos e/ou das poéticas pessoais, sendo estas que nos interessam mais particularmente neste artigo, concebendo o conceito de *hibridação interformativa* (2008, p.35-39) a partir do conceito de formatividade de Luigi Pareyson. Valente ancora-se na formulação de que “o operar da pessoa é plasmador de formas” (PAREYSON, 1993, p.177) para refletir sobre o fenômeno das hibridações no processo criativo na arte e na heurística contemporâneas, tanto no âmbito da produção quanto da recepção.

A modalidade de hibridação interformativa pode ser observada na etapa de produção de uma obra, como criações em coautoria, traduções intersemióticas, influências e/ou diálogos artísticos. Nesse sentido, “na hibridação de poéticas pessoais predomina uma hibridação entre formatividades” (VALENTE, 2008, p.36), uma forma híbrida dos estilos de cada artista envolvido e que compreende também a formatividade do espectador em resposta a uma proposição colaborativa do artista – que no caso de “Constelações” decorre da spect-autoria enquanto co-criação na fase de produção do *sky-art*.

A hibridação interformativa segundo Agnus Valente é também um fenômeno de recepção: no caso das obras interativas, estas absorvem o “caráter pessoal, e portanto expressivo e formativo do operar humano”(PAREYSON, 1993, p.176) que se reconhece também na

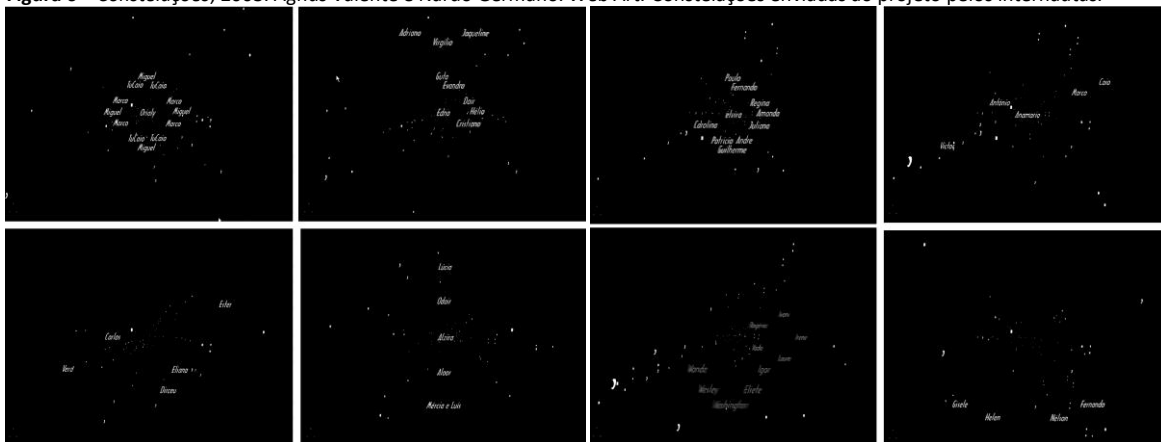
pessoa do espectador e, do ponto de vista de Valente, extensivo à condição do interator nas mídias digitais, embasada fundamentalmente na operação:

Nessas hibridações poéticas geradas por proposições interativas, no ato da recepção, a obra – enquanto unidade sintetizadora – absorve a interação do público e, conseqüentemente, sua formatividade colocada naquele empenho de *poiesis*. A meu ver, o público efetivamente hibrida-se na obra. De modo permanente ou efêmero, o *interator* hibrida uma forma que é sua, afetando a obra tanto em seu campo de interpretabilidades (que se amplia na medida em que nela integra seus conteúdos e experiências), quanto em sua forma e estrutura, embutindo nela sua expressão, seu gosto e seu tempo. [...] E interessa-me, sobretudo, a percepção que tenho do fato de o público fruir o seu próprio processo de *hibridação interformativa* em curso, numa síntese inédita entre o seu modo único e irrepitível e o modo irrepitível e único do artista – e, no caso das interações cumulativas, lançar a obra e com ela lançar-se prospectivamente à interação com um público futuro. (VALENTE, 2008, p.38-39).

Cada espect-autor em “Constelações”, ao seguir os princípios da obra interativa para enviar sua colaboração, assimila elementos de formatividade dos autores-propositores, a exemplo da intertextualidade do diagrama. E inclui a sua formatividade ao elaborar sua combinação afetiva pessoal com as opções espaciais disponíveis. E, eventualmente, pode também [re]criar por recombinação os elementos compositivos de constelações de outros espect-autores, visualizadas na obra em recepção. Não se trata de uma criação apenas dialética com enunciados opostos “reunidos como a tese e a antítese no enunciado de um mesmo sujeito, exprimindo sua posição dialética única” (BAKHTIN, 1970, p.347) sobre as questões do mundo, mas, sobretudo, de criação dialógica, no sentido bakhtiniano, cujas relações estabelecem enunciados partilhados por dois ou mais sujeitos ou instâncias diferentes, na qual o espect-autor articula diferentes e plurais formas de ver e fazer.

Nesse sentido, a combinação espacial, o repertório incluído e as constelações emergentes da condição de “entre-imagens” que, recordando Bellour (1990), cria passagens híbridas nas artes cinemáticas – todos esses elementos confluem para a constituição de uma gama de processos entre formatividades que podem gerar composições de efeitos visuais e significações surpreendentes (Figura 6), resultantes desse processo coautoral, dialógico, polifônico e, por extensão, coletivo de *poiesis* no ciberespaço.

Figura 6 – Constelações, 2003. Agnus Valente e Nardo Germano. Web Art. Constelações enviadas ao projeto pelos internautas.



Fonte: arquivo dos artistas.

#### 4. “Constelações” - *Poiesis* biocibernética entre Homem e Universo.

Talvez este momento de suspensão na história, quando nos sentimos presos entre as fantasias utópicas da biocibernética e as realidades distópicas da biopolítica, [...], seja um momento que nos foi dado para repensarmos exatamente para quem servem nossas vidas e nossas artes.

Mitchell

Em “Constelações”, o humano prepondera enquanto Poética no exercício de uma formatividade na sua relação com o biosistema através dos recursos tecnológicos em que autorar e hibridar-se no ciberespaço assumem uma gama de sentidos e compromissos em diversas camadas interpretativas, do plano existencial ao político-ideológico, passando pela experiência afetiva pessoal e interpessoal da visualização como estrela *post-mortem* até as dimensões cosmoecológicas e biopolíticas contextualizadas pelo projeto.

Na origem dos conceitos de espect-ator de Boal e espect-autor de Gellouz, há uma relação intrínseca entre a proposição e a intencionalidade poético-política dos projetos artísticos, relação que preserva para esses conceitos quando aplicados ao novo estatuto do espectador na arte tecnológica, do mesmo modo com relação à hibridação interformativa que, à parte sua condição inerente ao sistema, há que se considerar a maneira como essa hibridação se aplica na obra para uma articulação efetiva de transformação poética.

Em resposta às palavras de Mitchell em epígrafe, talvez seja imprescindível adotar “as fantasias utópicas da biocibernética” para enfrentar “as realidades distópicas da biopolítica”. Nesse sentido, imaginemos que os diagramas enviados para o projeto *sky-art* interativo “Constelações” façam um percurso de ida e volta pelo “ciberespaço de Gibson [que] torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível” (LEVY, 1999, p.92), e que nos permita vislumbrar que, em códigos numéricos, são dados que circulam em ondas pela atmosfera, atravessam cabos, conexões, fronteiras ciberespaciais, até converterem-se em constelações na animação digital; que, nessa jornada integrando o Cosmos, cada constelação afetiva, poética, autoral, retorne enquanto disponibilização em ambiente *on-line* no *site* do projeto e visualização no espaço físico expositivo, como se o próprio universo em constelações se atualizasse diante de nossos olhos em sinais gráficos.

Na sobreposição dos cosmogramas, a hibridação de poéticas sugere níveis híbridos de integração no *sky-art* interativo, em que as formatividades hibridam-se num sonho de constelações possíveis. Como cápsulas do tempo no ciberespaço, “o *e-poema* se expande num *continuum* cumulativo de todas as constelações enviadas e aspira às que estão por vir” (VALENTE, 2008, p.225), num entre-imagens vertiginoso de constelações virtuais, que, em síntese, instauram a alegoria de uma *poiesis* biocibernética entre Homem e Universo:

espect-autor/propositores > espect-autor/espect-autores > Homem/Homem > Homem/Cosmos

Essa alegoria inclina-se a uma preocupação biopolítica, num exercício de sensibilização ecológica, cosmológica. Talvez seja lícita a expectativa de que possa prevalecer nos espect-autores a impressão de que o seu envolvimento autoral tenha decorrências mais amplas nesse processo de co-criação, como quem cria constelações, ou de recriação, como quem reanima o universo de constelações, enfim, como quem circunscreve com seu gesto autoral o seu lugar afetivo de equilíbrio em sintonia expandida com o Cosmos.

### Considerações em prospectiva poética

A série de exposições de arte computacional “EmMeio” investe num projeto expográfico e de montagem que adota como parâmetro o conceito de “metainstalação”, introduzido por Tânia Fraga, que busca “expandir o conceito de instalação geralmente empregado para trabalhos contemporâneos de arte, nos quais cada artista organiza seu micro espaço individualmente”, e consiste em “criar diálogos espaço temporais entre as várias obras, e não um conjunto separado de instalações independentes”, ressignificando-as e estabelecendo rotas não lineares para redirecionar o olhar e o modo de percepção do público (FRAGA; FRAGOSO, 2013, p.4-5) em sua nova condição de recepção.

A exibição do *sky-art* interativo “Constelações” na exposição EmMeio #5.0 foi planejada como projeção no teto do ambiente expositivo. Nesse contexto expográfico da metainstalação, o vazamento de luzes e de reflexos d’água das obras vizinhas domina o campo visual da projeção das constelações no teto e atenua consideravelmente sua visibilidade – contudo, nesse processo, colore esporadicamente com matizes de azul, violeta, vermelho, amarelo, verde..., o vácuo onde os sinais gráficos luminosos do *sky-art* pontuam o seu universo cósmico, impregnando sutilmente a contemplação com a sugestão de outros fenômenos celestes, astronômicos ou exclusivamente estéticos. E, com a inclinação em ângulo do projetor, o trajeto da luz recupera aquele espaço-entre do *sky-art* “Constelações” no corpo anímico dos visitantes da exposição (Figura 7), que se tornam eles próprios (in)voluntariamente o suporte do aparato tecnológico da obra.

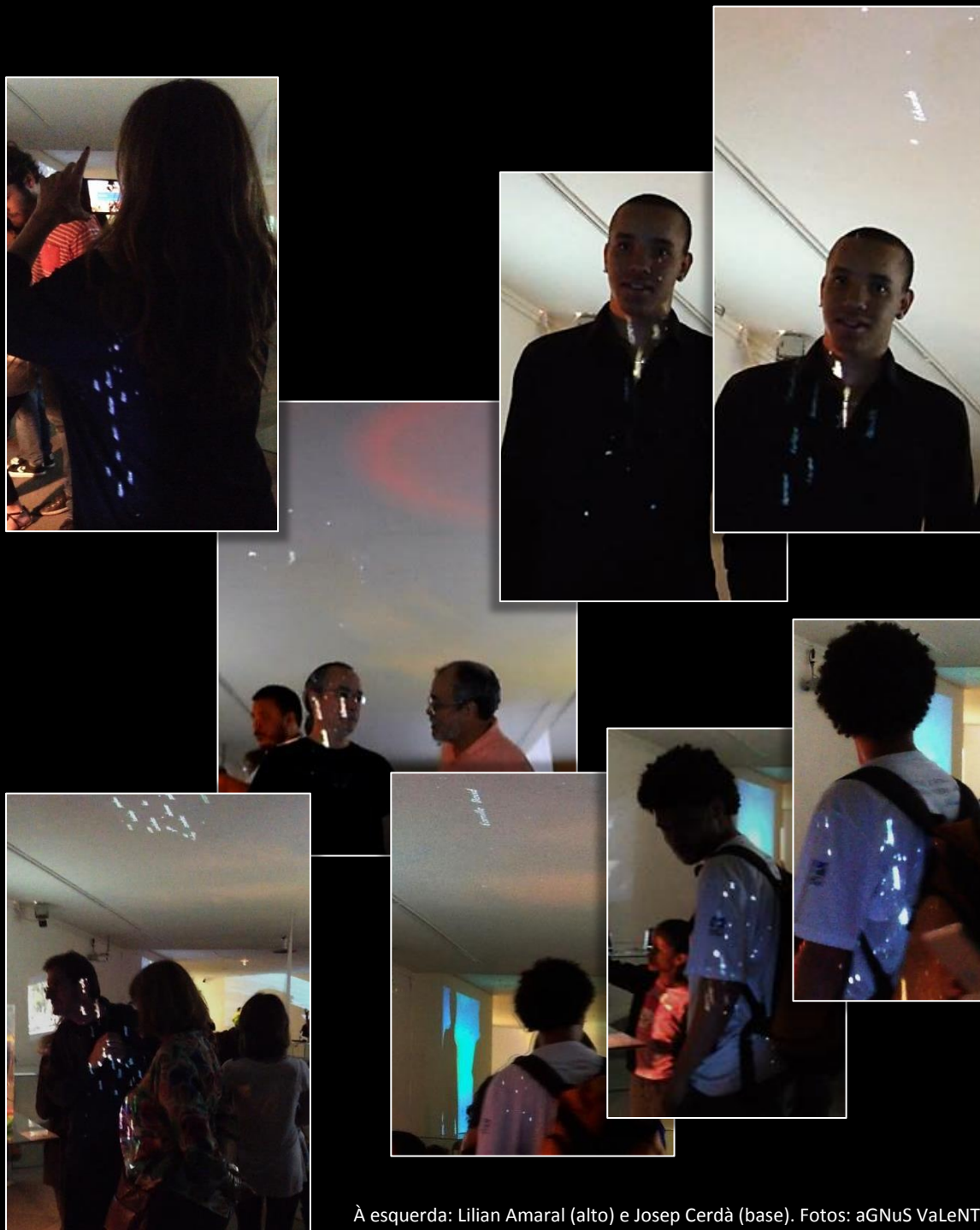
**Figura 7** – *Sky-Art* interativo “Constelações” projetado no corpo dos visitantes na abertura da exposição EmMeio#5.0, Museu Nacional da República, Brasília – DF, dia 02 de outubro de 2013.



Nas fotos: Fernando Codevilla; Juliana Vizzotto e o pequeno Caio. Fotos: aGNuS VaLeNtE.

Fecha-se o ciclo Arte-Vida com uma nova hibridação interformativa que, agora, incorpora a forma de ser dos espectadores em trânsito, capturada em suas performances enquanto caminham, contemplam e/ou experimentam as demais obras da exposição (Figura 8). Entre o projetor e o teto, os corpos como ciberespaço para as constelações afetivas tornam-se o próprio Cosmos encarnado, onde as estrelas *post-mortem* podem renascer – como marcos de vidas *perfectas*, ou como Universo em prospectiva poética de renovação.

**Figura 8** – Sky-Art interativo “Constelações” projetado no corpo dos visitantes na abertura da exposição EmMeio#5.0, Museu Nacional da República, Brasília – DF, dia 02 de outubro de 2013.



À esquerda: Lilian Amaral (alto) e Josep Cerdà (base). Fotos: aGNuS VaLeNte.  
 Centro: aGNuS VaLeNte e Nardo Germano. Foto: Gilberto Prado.  
 À direita: Dudu Barros (alto) e visitante (base). Foto/vídeo: Clarissa Ribeiro.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail M. *La Poétique de Dostoïevski*. Paris: édition du Seuil, 1970. (Collection Pierres Vives).
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BELLOUR, Raymond. *L'entre-ímagés*: photo, cinéma, video. Paris: La Différence, 1990.
- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. 8. Ed. R.Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- EUGENIO, Edison. *Recriação Conceitual*: Reflexões sobre a resignificação da obra de arte como um fator criativo. 2012. 38 p. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Artes Visuais) – Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – IA/UNESP. São Paulo. 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Qu'est-ce qu'un auteur?* *Bulletin de la Soc. Française de Philosophie*. 63º ano, nº3, jul-set, p.73-104, 1969.
- FRAGA, Tania; FRAGOSO, Maria Luisa. *Metainstalações: expografia e montagem de exposições em Arte Computacional*. In: XII Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#12.ART) : Prospectiva Poética, 12., 2013, Brasília. **Anais online...** Brasília: UnB, 2013. Disponível em: <<http://medialab.ufg.br/art/wp-content/uploads/2013/08/taniaFraga.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2013.
- GELLOUZ, Mohamed Aziz. *Théâtre Citoyen: un modèle d'avenir...*. 2007. 128f. Dissertação (Mestrado) – PAEIC Programme d'Apprentissage Expérientiel par l'Intervention Communautaire de l'Université de Sherbrooke, Quebec, Canadá, 2007.
- GERMANO, Nardo. **[Autor]retrato Coletivo, uma Poética da Autoria Aberta**: Poética da Autoração, Poéticas em Coletividade e uma Taxionomia para a Espect-Autoria - agenciamento autoral dos espectadores nas artes participativas e interativas. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP. São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-03092012-185938/pt-br.php>>. Acesso em: 01 mar. 2013.
- \_\_\_\_\_. *Poética da Autoração e Poéticas em Coletividade: Agenciamento autoral coletivo na arte interativa*. In: 21º Encontro Nacional ANPAP: Subjetividade, Utopias e Fabulações, 21., 2011, R.Janeiro. **Anais...** R.Janeiro: UERJ, 2011, p. 4164-4179. 1 CD-ROM. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/hardo\\_germano.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/hardo_germano.pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2013.
- \_\_\_\_\_. *Agenciamento Autoral de Identidades nas Poéticas em Coletividade: Taxionomia para o conceito de autoria dos espectadores na recepção de obras de arte participativas e interativas (trinômio produção/recepção/produção, spect-auteur en collectif, particip-auteur, inter-auteur e trans-auteur)*. In: IX Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#9.ART) : Sistemas Complexos Artificiais, Naturais e Mistos, 9., 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2010a, p. 352-364. 1 CD-ROM. Disponível em: <[https://deploy.extras.ufg.br/projetos/9art/nono\\_art.pdf](https://deploy.extras.ufg.br/projetos/9art/nono_art.pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2013.
- \_\_\_\_\_. *Espect-Autoria: Poética da Autoração e Poéticas em Coletividade - Taxionomia para a autoria dos espectadores na Arte Interativa*. In: IV Simpósio Nacional ABCiber, IV., 2010, RJ. **Anais eletrônicos...** RJ: ECO-UFRJ/RJ. 2010b. 1 CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. *[Autor]retrato coletivo on-line na [des]construção de uma identidade coletiva*. In: VIII Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#8.ART) : arte, tecnologia, territórios ou a metamorfose das identidades, 8., 2009, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2009, p. 313-322. 1 CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. **Auto-Retrato Coletivo**: Poéticas de Abertura ao Espectador na [Des]Construção de uma Identidade Coletiva., 2007. 188 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-14052009-155253/pt-br.php>>. Acesso em: 11 ago. 2013.
- GIBSON, William. *Neuromancer*. 3. Ed. São Paulo: Aleph, 2003. (1. ed. original - New York: Ace Books, 1984).
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).
- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Massachusetts: The MIT Press, 2001. (Coleção Leonardo).
- PARAYSON, Luigi. *Estética – Teoria da Formatividade*. Petrópolis: ed. Vozes, 1993. (Estética Universal, 3 ).
- PLAZA, Julio. (A Questão da Contemporaneidade) – Curadoria: Meios Eletrônicos. In: *Simbologias e Alternâncias*. Catálogo 13º Salão de Arte Contemporânea - MAC.C, Museu de Arte Contemporânea José Pancetti, Campinas, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987. (Coleção Estudos, 93).
- POPPER, Frank. *Art of the Electronic Age*. London: Thames & Hudson Ltda., 1993.
- SEAMAN, Bill. *Motioning Toward the Emergent Definition of E-phany Physics*. In: *ASCOTT, Roy (org.) Art, Technology, Consciousness mind@large*. Portland, Oregon, USA: Intellect Books, 2000, p. 40.
- STERLING, Bruce. *The hacker crackdown: law and disorder on the electronic frontier*. New York: Bantam Books, 1992. Project Gutenberg eBook, 2008. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/101/101-h/101-h.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2013.
- VALENTE, Agnus. **Útero portanto Cosmos**: Híbridizações de Meios, Sistemas e Poéticas de um Sky-Art Interativo. 2008. 237 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-14052009-154333/pt-br.php>>. Acesso em: 01 mar. 2013.
- \_\_\_\_\_. **Parabola-Imago**: Transmutações criativas entre o verbal e o visual. 2002. 207 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, São Paulo, 2002.

**NARDO GERMANO**: artista-pesquisador multimídia, Doutor e Mestre em Artes Visuais e passagem pela Comunicação Social-ECA/USP e Bacharel em Letras-FFLCH/USP. Desenvolve projetos artísticos na confluência dessas áreas, com apropriação poética da linguagem das novas mídias. Pesquisador na investigação em arte/tecnologia nos grupos de pesquisa Poéticas Digitais (ECA/USP-CNPq) e Poéticas Híbridas (IA/UNESP-CNPq). Contato: [nardogermano@uol.com.br](mailto:nardogermano@uol.com.br)